

O TCHORTIK

O Tchortik (diabo) ou Matuchka é, na realidade, uma linguagem simbólica e cifrada que lembra muito o tarô marselhês. É interessante observar, porém, que os criminosos empedernidos, aqueles que tinham uma experiência mais longa de prisão, também utilizavam essas cartas feitas a mão com outra simbologia: em determinado momento da conversa levantavam uma carta e imediatamente, como se tivesse sido dada uma ordem, uma faca brilhava, o sangue corria. Também ficamos sabendo, pelas explicações dadas por um assassino cuja confiança fora conquistada, que, ao lado da iconografia medieval dessas cartas, havia um ou outro elemento do simbolismo oriental e russo antigo. Na variante mais comum, o número de cartas era reduzido a vinte e seis.

“Jamais tive oportunidade de ver um baralho de setenta e oito cartas”, diz Tarachtchenko, “embora a aritmética demonstre claramente (dividindo-se setenta e oito por três e por dois) que aquilo era simplesmente uma versão simplificada das combinações clássicas do tarô. Estou convencido de que essa simplificação resultava de considerações puramente técnicas: eram cartas mais fáceis de fabricar e de esconder.” Quanto às cores propriamente ditas, designadas às vezes apenas pelas iniciais, haviam sido reduzidas a quatro: rosa, azul, vermelho e amarelo. Os ideogramas, geralmente assinalados por seus contornos elementares, eram os seguintes: o Bastão (ordem, comando, cabeça; mas também significando uma cabeça rachada); o Cálice (mãe, vodca, libertinagem, aliança); a Adaga (liberdade, pederastia, garganta cortada); a Moeda de Ouro (crime, tortura, solitária). Os outros símbolos e variações eram: a Prostituta, a Tsarina, o Tsar, o Pai, 69, a Tróica, o Poder, os Enforcados, o Sem Nome (a Morte),

as Entranhas, o Diabo (*Tchortik*, *Tchort*), a Prisão, a Estrela, a Lua, o Sol, o Julgamento, a Lança (ou o Mastro). O Tchortik ou Matuchka, no fundo, não passa de uma variante do jogo antropocêntrico que chegou até nós desde os longínquos territórios míticos de uma Idade Média que encontrou a Ásia. O leque das cartas do Tchortik representa a Roda da Fortuna e, para os fanáticos, significa a mão do destino. Tarachtchenko conclui: “Aqui, manteve-se a ligação que existe no tarô europeu entre os símbolos da quiromancia e os signos do zodíaco: as tatuagens no peito, nas costas ou nas nádegas dos prisioneiros têm o mesmo significado que os signos do zodíaco têm para os ocidentais, e podem ser conectados ao Tchortik através do mesmo princípio”. Tertz também estabelece esse laço entre a tatuagem e os símbolos míticos num plano metafísico: “Uma tatuagem: na frente, uma águia rasgando com o bico o peito de Prometeu; atrás, um cão copulando com uma mulher numa posição estranha. Dois lados da mesma moeda. Cara e coroa. Luz e sombra. A tragédia e a comédia. A paródia das próprias proezas. A proximidade entre sexo e riso. Entre sexo e morte”.

OS BASTARDOS DE MAKARENKO

Na semi-obscuridade azulada da cela onde sobem espirais de fumaça, estendidos de lado em seus catres infestados de percevejos, como boiardos, quatro bandidos jogadores de cartas mastigam com a ponta dos dentes quebrados e amarelos uma palhinha suja, ou sugam tocos de cigarro enrolados canhestramente, molhados de saliva, enquanto à sua volta comprime-se uma multidão matizada de espectadores que olha fascinada para os rostos dos criminosos célebres, para seus peitos tatuados, para suas